

Ronaldo Luis Campello

Mestre em Educação em Linguagens Verbo Visuais e suas Tecnologias do Instituto Federal SUL-río-grandense/ IFSul, Campus Pelotas; Mestre em Artes Visuais pelo PPGAVI/Centro de Artes da Universidade Graduação em Pedagogia Gestora: Administração e Supervisão Escolar IERGS/FACEL; professor no magistério municipal e estadual, Pelotas, RS, Brasil. ronaldo.campello@hotmail.com https://orcid.org/0000-0003-1471-8040

Uma aula

Una Clase

Resumo: Uma aula é um texto escrito por dois docentes, uma colombiana e um brasileiro que dizem de si, de seus estudantes e de suas experiências de realização de um projeto de escrita de cartas ocorrido no ano de 2019. Uma aula é um texto que busca na filosofia da diferença suporte teórico para pensar sua escrita e dar aporte a conceitos que ajudam a pensar as práticas, experiências e encontros aqui experienciados.

Palavras-chave: Cartas epistolares. Cartografia. Ler/Escrever. Aferente/eferente.

Resumen: Una clase es un texto escrito por dos docentes, una colombiana y otro brasileño que dicen de sí, de sus estudiantes y de la experiencia de la realización de un proyecto de escritura de cartas ocurrido en el año 2019. Una clase es un texto que busca en la filosofía de la diferencia soporte teórico para pensar su escritura y dar un aporte a conceptos que ayudan a pensar las prácticas, experiencias y encuentros aquí experienciados.

Palabras clave: Cartas epistolares. Cartografía. Leer/Escribir. Aferente/eferente.

Marisela Guapacha

Docente de Lengua Castellana y Portugués. Profesional en el área de Ciencias Sociales y/o Educación Universidad de Antioquia/UdeA, Medellín, Colômbia. Magíster en Literatura (Antioquia) marisela.guapacha.romero@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-2640-3831

Ursula Rosa da Silva

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002) e Doutora em Educação (UFPEL/2009). Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas. Vice-reitora da UFPel, Diretora do Centro de Artes da UFPel (2013 a 2021). Professora do PPGAVI/CA/UFPel, linha de Ensino da Arte e Educação Estética. ursularsilva@gmail.com https://orcid.org/0000-0003-0815-6942

Expectativas

O início de cada ano letivo sempre nos reserva expectativas acerca de como serão as atividades, acerca dos novos alunos que chegam, de como poderemos ajudar os que ficaram, de quais projetos novos ou antigos iremos nos envolver, quais serão os novos ou velhos desafios. Sensações que despertam possibilidades, que se nutrem no âmbito do saber, do querer saber. Do Fazer. Do fazer pedagógico...

No início do ano de 2019, não foi diferente. Este foi um ano repleto de expectativas, tal como outros tantos, mas, neste, as expectativas estavam voltadas ao retorno à Medellín – Colômbia e desta vez, também a Bogotá. Novamente, a escrita de cartas e o intercâmbio de saberes pedagógicos com escolas deste país se tornavam realidade.

Dois distintos acontecimentos proporcionaram que se articulasse entre um grupo de docentes de instituições públicas: Escola Técnica Estadual Prof.^a Sylvia Mello e Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, no Brasil e também uma instituição particular de ensino na cidade de Medellín – Colômbia, Colegio Eucarístico de la Milagrosa¹, onde um projeto de intenções e ações culminariam em um intercâmbio promissor. Um que já se desenvolve há mais de cinco anos. Cartas para ler e escrever...

O princípio. Os projetos e algumas cartas.

O início de tudo acontece um tempo antes, o mês era março de 2018, e, a partir de uma mensagem no *Messenger*, enviada no final da noite por Marisela Guapacha, professora colombiana, da referida escola, começaram a se desenhar propostas de ações que, em 2019, se efetivaram com o projeto de extensão e pesquisa, dando sequência a ações que já se desenvolviam desde 2015.

[1] Disponível em: < <http://www.eucaristico.delamilagrosa.edu.co/> >

[2] Aplicativo de conversa.

A partir da construção de ideias e pensamentos conjuntos se puderam saber dos interesses de Marisela, e seus grupo de colegas e estudantes, e começamos a construção deste intercâmbio. O projeto colombiano tinha como premissa básica apresentar no Brasil ressignificação de sua cidade [Medellín] como um lugar onde a transformação e inovação têm permitido que sua gente possa estudar, trabalhar, criar, gerar e pesquisar ao nível nacional e internacional. Projetos que saem de pessoas que têm histórias e experiências de frente com a guerra e com a violência que, por muito tempo, envolveram nossa cidade e que eram a apresentação desta para o mundo.

Jovens, adultos e crianças que agora podem sonhar, construir e fazer história de outra maneira. Espaços da cidade que agora são para que as pessoas sem importar sua procedência possam aprender ensinar e compartilhar suas próprias histórias, saberes e culturas. Uma cidade para todos. Um lugar para as múltiplas aprendizagens, onde é possível tecer experiências, conhecimentos, amizades. Um espaço de memórias, porque é importante lembrar o passado para não ter que o repetir. Medellín, uma cidade de portas abertas, da eterna primavera, que não pode ser reduzida à imagem do Pablo Escobar, sua história e suas aventuras que estão cobertas de sangue.

Por tudo isso, a vontade era [é] apresentar uma cidade de um modo diferente, ressignificar seus espaços, reconhecimentos e imagem ante o mundo, falar de Medellín, apresentar os espaços de transformação, inovação, aprendizagens e memórias, este é o objetivo nesta viagem e que também depois vocês possam vir e percorrer os mesmos caminhos.

De outro modo, e efetivamente o nosso intercâmbio Brasil-Colômbia, que previa no mês de junho de 2020 os encontros presenciais dos grupos de ambos os países, tinha como objetivo fazer com que as estudantes e professores pudessem fazer um intercâmbio de

saberes, culturas, projetos, experiências e aprendizagens no âmbito educativo. Também, é muito importante para todos conhecessem possíveis oportunidades de estudo nas Universidades do Brasil e Colômbia, oportunizando fazer trocas de ensino e compreender as diferentes metodologias e dinâmicas de trabalho em ambos os espaços estudantis.

O projeto que as estudantes do ensino médio da série 5, com assessoria de alguns professores, iriam apresentar, direcionava-se ao projeto de ressignificação da cidade de Medellín, por meio da memória histórica desde a arte na cidade e também envolver o processo de urbanização de Medellín. Levando em conta que, no mundo, ainda se tem a imagem de nossa cidade como lugar do narcotráfico, a cidade do Pablo Escobar, entre outros imaginários sociais que é preciso refletir e transformar.

Neste sentido, o colégio e as estudantes trabalhavam neste projeto por meio das áreas das Ciências Sociais, Língua Castelhana e Português. Para elas é muito importante a oportunidade de mostrar sua cidade de outra maneira e também aprender dos projetos das escolas e universidades que conheceriam nesta viagem. Além disso, alguns professores e diretores apresentariam alguns projetos do colégio e de sua própria experiência na aula.

Em um resumo amplo, este era o projeto colombiano no qual estaríamos nos envolvendo e aprendendo, do outro lado da pena, o projeto de extensão: *As cartas que escrevo...* Perpassa por uma proposta de investigação que empreende um pensamento sobre um modo de fazer docência. Um devir-docente. Utiliza-se da escrita, da leitura, linhas aferentes e eferentes em via de mão dupla para pensar este fazer. Ofereceu-se *práticas pedagógicas* menores, atividades de escrita/leitura, de criação a partir da arte [vídeo, dança, teatro...] onde este artifício se fez potente e articula

pensar processos de subjetivação. Encontros. Um ir e vir. Linhas que irrompem em um pretérito-presente onde a escrita é meio, é entre, é um avizinhar-se. É um estar no centro de todos os processos de subjetivação. Devir-escrever.

Em tempos idos, busquei a partir de uma pesquisa (talvez o cerne deste projeto) olhar para os processos de subjetivação que se produziram, a partir de uma atividade docente que se tornou projeto de extensão/pesquisa, 2015-17, e que resultou em uma dissertação que se fez no programa de pós-graduação do Mestrado em Educação e Tecnologia – MPET do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL no campus Pelotas, RS; uma atividade, uma proposta que se debruçou sobre um método de escrita muito antiga, cartas epistolares.

Nos tempos de hoje, no momento em que este projeto e intercâmbio aconteceu ele se fez programa de Pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; e a escrita surge como um exercício de escuta, de resistência. De formação. De errar a palavra e torná-la outra. Um cuidado. Um encontro, pois, escrever é um cuidado, de si, de outros.

Portanto, esta foi a base para a realização do intercâmbio de cartas que aconteceu entre as estudantes da 5ª série do Colégio Eucarístico de la Milagrosa e os alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Técnica Estadual Prof.º Sylvia Mello no ano de 2019 e ambos os aspectos das propostas dos dois projetos nestas cartas foram trabalhados.

Estas são algumas das imagens das cartas que foram trocadas, esta experiência, este encontro. A troca de cartas foi muito importante para os alunos e para a construção de subjetividades acerca do imaginário de possibilidades que se construíram com este processo.

24/09/2019
OLÁ! MEU NOME É _____ MORO EM
PELOTAS MEU BAIRRO É FRAGATA MEU SONHO É SER
JOGADOR DE FUTEBOL A DORO GRITA GOL! VOCE
GOSTA DE ESPORTE?
GOSTO DE VIAGEM PARA PORTO ALEGRE A ONDE
VIVE MINHA PRIMA OLÍVIA
TENHO QUASE 11 ANOS DE A 24/10/2019 VOU FA
ZER 11 ANOS NASCI EM 2008 E VOCE?
SO TENHO UM BICHINHO DE ESTIMAÇÃO ELE
É UM PEIXE O NOME DELE É DOURADO.
EU VO ACA BA ESTA CARTA PARA VOCE

Figura 1: Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas, RS, Brasil. Fonte: arquivo pessoal

OLA QUERIDA WENDY ESTOU MUITO
GRATO EM FAZER ESSA CARTA PARA
VOCE FOI A MELHOR EXPERIENCIA QUE
EU JA TIVE EU ME CHAMO ARTHUR E EU
GOSTO DE JOGAR FREE FIRE, CALL OF DUTY
Y BLACK OPS 3 E MINECRAFT E VOCE?
ESPERO QUE VOCE GOSTE DESSA CAR
TA. :)

Figura 2: Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas, RS, Brasil. Fonte: arquivo pessoal

O simples ato de escrever está imerso na constituição muito grande de agenciamentos. Escrever é excitar uma criatividade. É encontro: interno e intenso. É devir, sempre por se fazer (DELEUZE, 1995). Escrever é desconstrução que ocorre de maneira singular. Escrever parece simples, mas, não é. Pode-se dizer que é um esforço colossal.

Escrever é empurrar a linguagem - e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe - a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (DELEUZE, Abecedário. Vocábulo A de animal. 1988, p. 06)

Meus alunos, ao escreverem às alunas de Marisela, puseram-se a tecer-construir relações de pertencimento com seus colegas, sua sala de aula, sua escola, seu país. Colocaram-se despidos ao desconhecido empunhando consigo somente a palavra. Seus verbos. E, deste ato generoso, receberam em retribuição a mesma empatia. Uma escrita pura e ingênua. Repleta de sonhos. De troca. Sensibilidade e afeto. De querer saber, conhecer, de poder aguardar e ter a ansiedade como uma amiga prazerosa que traz consigo a esperança do novo. De novos ares a se respirar, de novas paisagens a se querer olhar. Traz a esperança de se enamorar com as possibilidades do 'como será?'

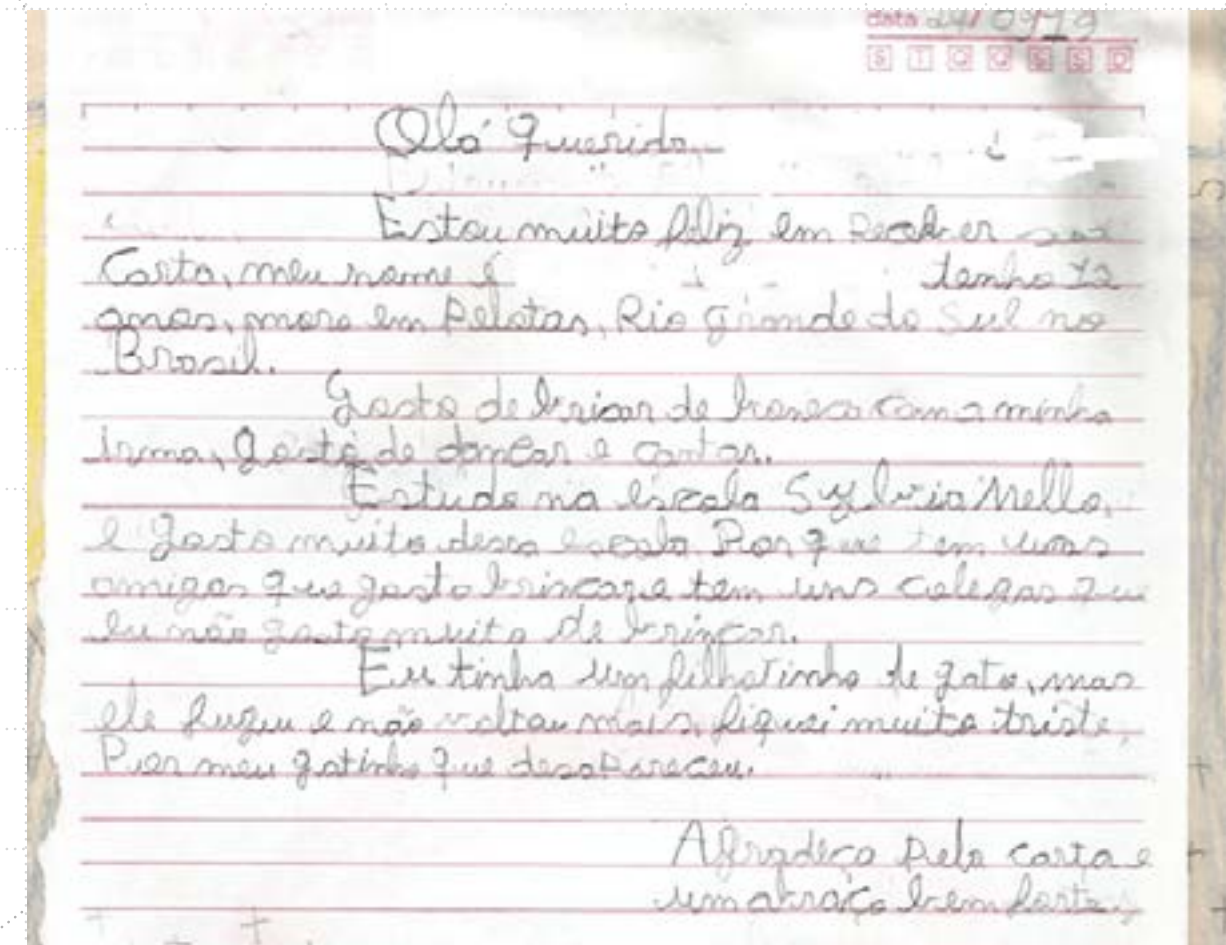


Figura 3: Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas, RS, Brasil. Fonte: arquivo pessoal

Tal experiência oportunizada a tais alunos, brasileiros e colombianas, faz-nos refletir do como é importante a entrega, o falar de si. Do dizer-se sem medo das restrições, dos padrões estipulados, dos estigmas enraizados, das diferenças linguísticas impostas pela geografia. Uma geografia agora construída no imaginário, nos terrenos férteis da escrita. A escrita de cartas oferecida como *proposta de prática menor*, ou seja, aquela que rompe com o instituído e busca fora do habitual construir saberes a partir do que o aluno traz consigo, de suas experiências, seus cotidianos, suas sensibilidades transformando a sala de aula em um ambiente de troca, onde professor e alunos se conhecem e aprendem juntos, pois,

aprender juntos só é possível a partir do momento que há confiança, e confiança se adquire entregando-se e dando-se a ver. Colocando a docência em jogo. Arriscando-se em vassoura de bruxa.

É possível perceber que tais cartas tratam de anunciar uma inocência, uma ingenuidade natural da idade. Um olhar simples acerca do comum, do dia a dia, dando sentido e atenção ao que nos cerca, algo há muito perdido por aqueles que perderam a infância ou a tenra idade.

“Eu tinha um filhotinho de gato, mas ele fugiu e não voltou mais, fiquei muito triste por meu gatinho que desapareceu.” (fala aluna figura 01).

“Ola querida Wendy estou muito grato em fazer esta carta para você foi a melhor experiência que eu já tive.” (fala aluno figura 02).

“...meu sonho é ser jogador de futebol, adoro grita gol! Você gosta de esporte?” (fala aluno figura 03).

Coisas de seu dia a dia, um falar de si, um abrir-se. Um dizer de coisas que lhes afetam e que lhes dão sentido, singularidades, subjetividades que lhes tornam únicos do mesmo modo que lhes constroem.

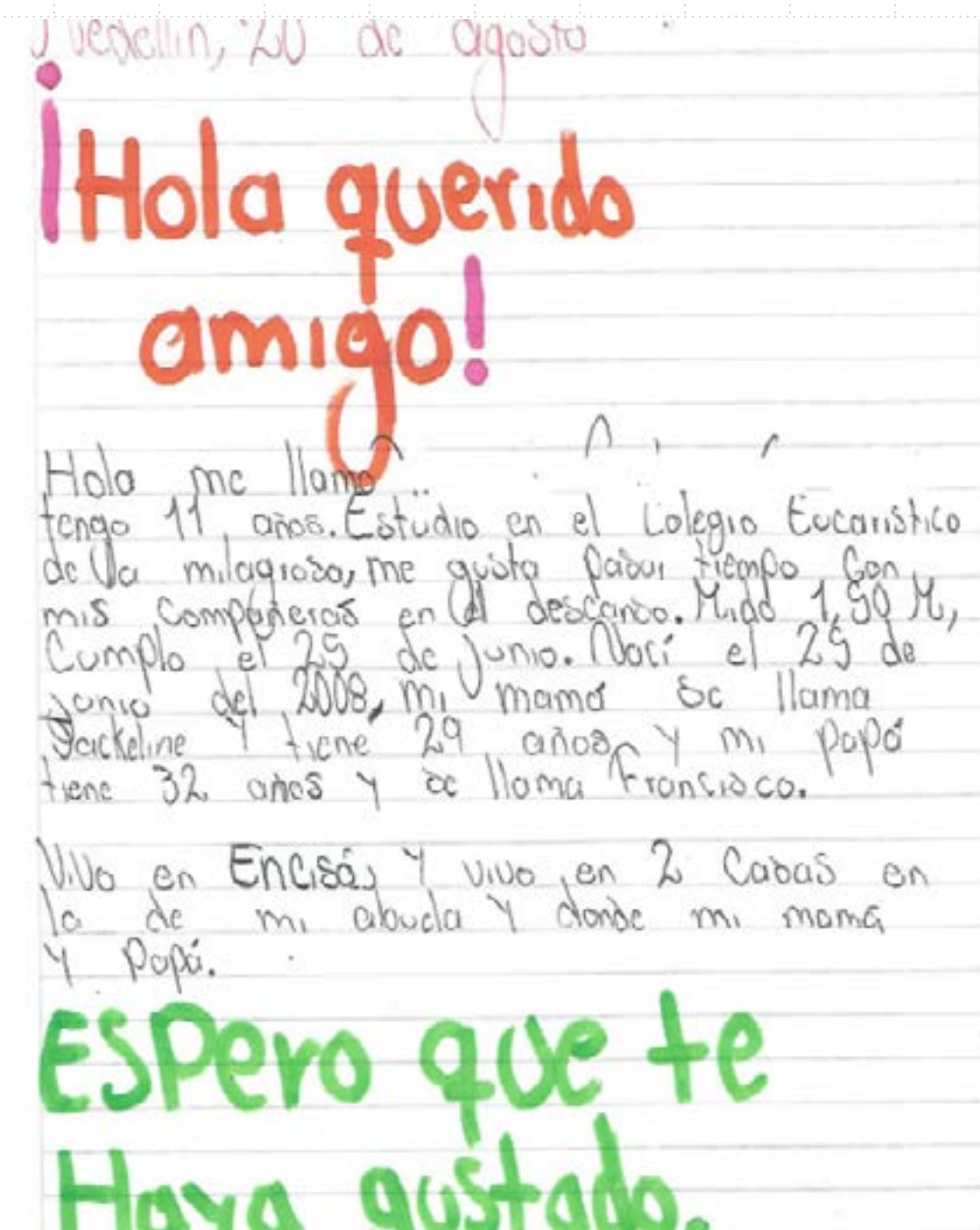


Figura 4: Carta escrita por aluna do 5º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín, Colômbia. Fonte: arquivo pessoal

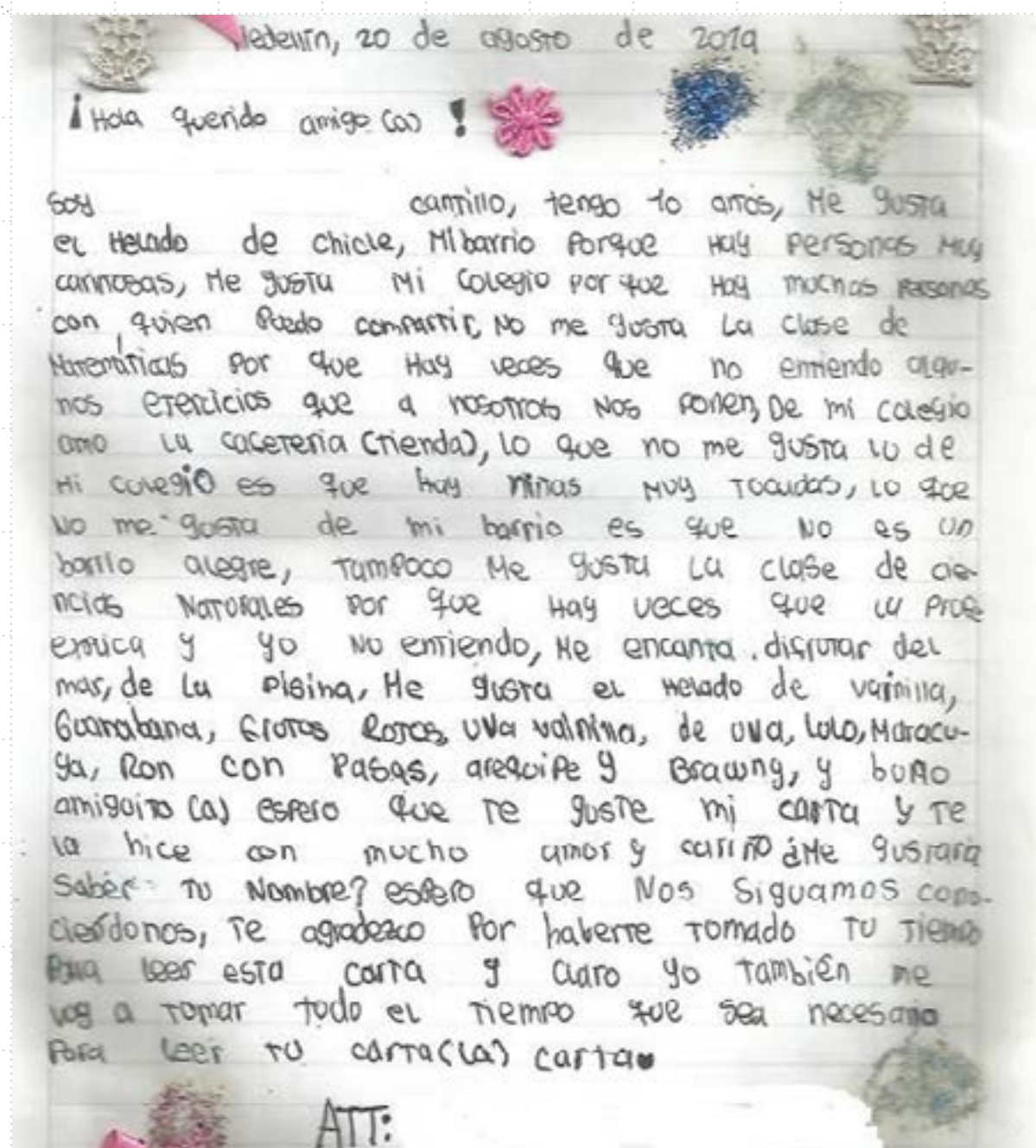


Figura 5: Carta escrita por aluna do 5º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín, Colômbia. Fonte: arquivo pessoal

A escrita como instrumento, como uma prática singular, menor de ensinar e aprender. A escrita de cartas algo tão primitivo e hoje peculiar. Alguém um dia disse que a escrita é uma fala de si. Um abrir-se. Que é fácil falar-escrever de coisas de seu dia a dia e isso se intensifica na escrita de cartas pessoais; “[...] a correspondência

é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando destinatário e remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em seus cotidianos” (IONTA, 2011, p. 84), observarem com outro olhar o seu cotidiano em jogo...

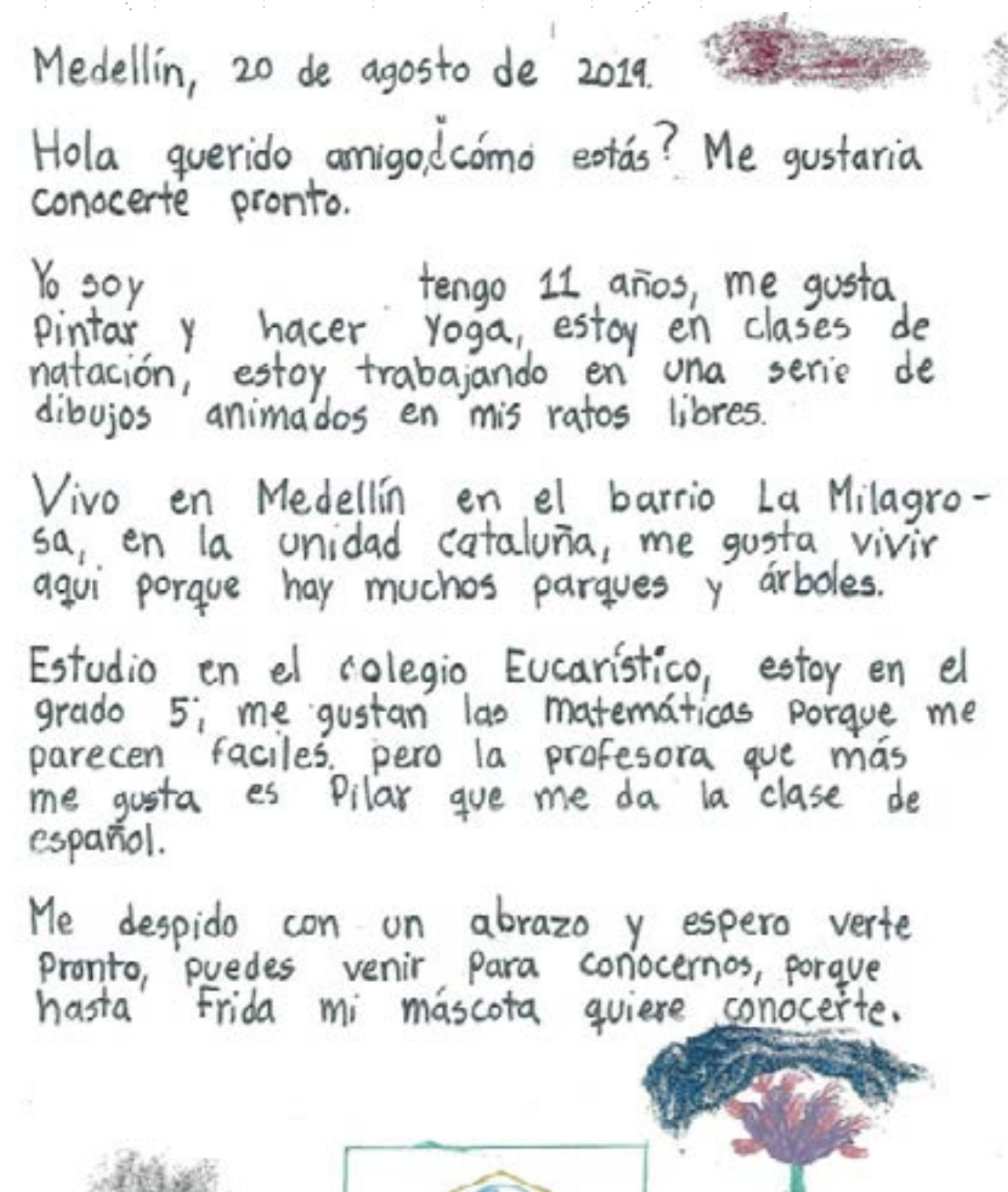


Figura 6: Carta escrita por aluna do 5º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín, Colômbia. Fonte: arquivo pessoal

A geografia imposta pela territorialidade, pela língua é despida, desfeita, desnuda de modo que alunos de escolas distintas, com realidades distintas tratem de coisas de seu cotidiano como se estivessem próximas dividindo, compartilhando o mesmo espaço de sala de aula.

“Vivo em Medellín em el barrio La Milagrosa, em La unidade cataluña, me gusta vivir aqui porque hay muchos parques e árboles.” (fala aluna figura 6).

“Vivo en Encisás y vivo en 2 casa en la de mi abuela y donde mi mama e papá.” (fala aluna figura 4).

Ao trazer seu contexto familiar e dividir coisas particulares, tais como onde mora e com quem e do que gosta demonstra confiança, demonstra um querer, um movimentar-se, ou estar em movimento, a partir do pensar cotidiano e seus modos de se produzir nele. Assim como no cotidiano de sala de aula, um perfazimento de coisas de seu dia a dia, um fazer-se diário em jogo na docência, a docência como jogo do cotidiano. Aqui, na escrita destas cartas, na discussão de quem somos e de como somos se produziu um modo de ‘militância’, de resistência ao modo dominante de lecionar. Não tratamos apenas de escavar o presente com uma mera proposta de escrita ou leitura, mas buscamos no pretérito, no imaginário de cada um, professores e alunos, linhas aferentes e eferentes, um modo de tornar nossas práticas cotidianas um devir. Um apre[en]der. Uma aula.

Nuestro proyecto de intercambio de cartas manuscritas fue el escenario perfecto para el encuentro y creación de diferentes subjetividades, de diferentes historias, lecturas y percepciones del mundo, de los otros, todo eso presente en el salón de clase y fuera de él. Para hacer posible ese encuentro, la escritura fue el

medio idóneo para comenzar la travesía, traspasar fronteras, hablar en diferentes lenguas, compartir ideas, pensamientos, dudas, intereses y así tener una experiencia que fuera inolvidable, que generara otras cosas, que hiciera que algo cambiara, que fuera de otra manera.

En ese sentido, la experiencia coloca a las personas en otro lugar, los atraviesa, como dice Larrosa (2006), la experiencia es eso que me pasa, no lo que pasa, necesita de un acontecimiento que hace que algo suceda y que ello no se pueda controlar porque no sabe cómo va a ser o lo que va a generar:

[...] podríamos decir que la experiencia es “eso que me pasa”. No lo que pasa sino “eso que me pasa”. [...] la experiencia supone, en primer lugar, un acontecimiento o, dicho de otro modo, el pasar de algo que no soy yo. Y “algo que no soy yo” significa también algo que no depende de mí, que no es una proyección de sí mismo, que no es el resultado de mis palabras, ni de mis ideas, ni de mis representaciones, ni de mis sentimientos, ni de mis proyectos, ni de mis intenciones, es algo que no depende de mi saber, ni de mi poder, ni de mi voluntad. “Que no soy yo” significa que “otra cosa que yo”, otra cosa que no es lo que yo digo, lo que yo sé, lo que yo siento, lo que yo pienso, lo que yo anticipo, lo que yo puedo, lo que yo quiero (LARROSA, 2006, p. 88).

Después de eso no se puede ser el mismo, porque algo cambió, se transformó influyendo en el modo de pensar, de actuar, de ver el mundo, de percibir y comprender a los otros. Así mismo, en esa experiencia, acontecen muchas afectaciones, que atraviesan las percepciones sobre sí, sobre los otros, la misma realidad, la cotidianidad, el día a día.

La escritura de las primeras cartas: el viaje comienza

Comenzar a escribir para una persona que no se conoce, que habla otra lengua y que tiene otra forma de vivir, no es fácil, requiere

pensar en ese alguien, escoger las mejores palabras, ser amable, cordial, implica abrir las puertas para que ese otro entre en su mundo, para que incluso hace lector. Todo eso, fue parte de la experiencia que tuvieron las estudiantes del grado 5to del Colegio Eucarístico de la Milagrosa de la ciudad de Medellín al comenzar a escribir para los estudiantes de la Escola Estadual Prof.^a Sylvia Mello, de la ciudad de Pelotas, en Brasil.

Para las niñas fue una oportunidad única de viajar por medio de la escritura a otro país, tener la posibilidad de hablar con un estudiante que vivía lejos, que tenía otra cultura, que pensaba de otras maneras y que está en el aprendizaje del español como ellas están en el aprendizaje del portugués. Diferentes historias por conocer, por contar y por crear con ayuda de la escritura.

En la primera carta que escribieron las estudiantes fue para ellas un momento muy importante de escribir y reescribir, pensando siempre en su lector, que este comprendiera todo lo que ellas querían expresar y presentar para ellos. El contenido de esa carta manuscrita se enfocó en hacer una corta presentación de cada una de las estudiantes, hablando así de su nombre, edad, ciudad, barrio, su colegio y lo que más les gustaba de estudiar. También, algunas de ellas hicieron preguntas para sus destinatarios, interrogantes que les permitieran conocer más sobre ese mundo, sobre esa nueva lengua que para ellas es tan atractiva e interesante y que tiene tantas palabras cercanas al español, esa lengua que para ellas es próxima como dicho país.

Aquellas cartas que fueron enviadas llenas de historias, preguntas, información personal, fotos, stickers, dibujos, llevaban una pequeña parte de su mundo, su percepción de las cosas, su propia subjetividad. Cartas impregnadas de esperanza, felicidad, expectativa de sus lectores.

Llegada de las cartas a Brasil

Las cartas llegaron rápido a Brasil, fue maravilloso ver los videos de los estudiantes de la Escola Técnica Estadual Prof.^a Sylvia Mello abriendo las cartas, leyendo, mirando la letra en otra lengua, su rostro de sorpresa, alegría y concentración fue mágico. La escritura fue ese medio para cruzar fronteras, viajar kilómetros y llevar la voz, los pensamientos, las ideas, los momentos más relevantes y significativos.

Los estudiantes de Brasil, después de leer con detalle las cartas, también escribieron de manera individual una carta como respuesta a la primera enviada por las niñas de Colombia. No tuvieron problemas para comprender lo escrito en español, fueron pocas las preguntas que hicieron, solo querían leer y leer todo lo que ahí estaba consignado.

Ellos escribieron sobre su escuela, su familia, mascotas, personajes favoritos, entre otros. Los mensajes fueron muy bonitos, llenos de cariño, alegría, agradecimiento por las historias compartidas, por el esfuerzo de intentar escribir una línea en portugués o querer saludar o despedirse en otro idioma. También, fue muy bonito el hecho de que aquellos estudiantes invitaran a sus nuevas compañeras a seguir escribiendo, aprendiendo su idioma y animarse a viajar a Brasil.

El regreso de las cartas a Colombia

Fueron más de dos meses de espera por la respuesta de aquellas cartas enviadas a Brasil. Las estudiantes siempre preguntaban cuánto tendrían que esperar para tener en sus manos aquellas cartas escritas por estudiantes de ese país vecino, estaban muy ansiosas, solo querían leer lo que ellos habían escrito para ellas. A su vez, se preguntaban si ellos comprenderían las cartas al estar

en un idioma diferente, que, aunque parecía cercano, implicaba esfuerzo y apropiación.

El día de la llegada de las cartas, las niñas sonrieron todo el día, parecía que estaban esperando la mejor noticia del mundo, abrazaron las cartas y comenzaron de manera individual la lectura de cada una de ellas. Sus rostros reflejaban sorpresa, felicidad, entusiasmo, una mezcla de sentimientos que solo hablaban de las múltiples afectaciones del momento. Fue emocionante ver como la escritura permitió unir, cruzar fronteras, hablar de diferentes formas y coincidir en una sonrisa, un dibujo, unos stickers, una palabra, un saludo, una despedida, una pregunta.

Sin duda, las estudiantes del grado 5to tuvieron una experiencia inolvidable, que pasó por ellas, que quedó en el corazón, que hizo que ellas incrementaran su interés y pasión por el portugués, por la posibilidad de conocer otras culturas, escuelas, familias, hobbies, gustos, entre otras cosas. Para ellas fue un privilegio participar del proyecto de intercambio de cartas y seguramente quedará en la memoria.

Volver a la escritura de las cartas manuscritas también fue para ellas una experiencia distinta, teniendo en cuenta que en la actualidad las cartas se han transformado, las herramientas digitales cambiaron la forma de escribir y ahora podría decirse que este tipo de cartas no tienen la misma relevancia y uso que tenía antes. Eso fue un elemento diferenciador en el proyecto, la posibilidad de escribir a mano, de registrar, plasmar la propia marca de la escritura, la voz, la subjetividad en pocas o muchas palabras.

Cuando hablamos de subjetividad, comprendemos que ella se produce y que se va construyendo en el hombre. En la escuela, los docentes también hacemos parte de proceso, porque estamos en contacto con los otros, hablamos con ellos, pensamos juntos,

preguntamos, compartimos y finalmente aprendemos y enseñamos de manera conjunta.

Fuimos afortunados por tener la posibilidad de construir a nivel internacional, dejando de lado las fronteras, venciendo los obstáculos que se fueron presentando, con tal de llevar a cabo este importante proyecto. Gracias a este intercambio pudimos viajar por la escritura, hablar en dos lenguas, preguntar, crear, expresar en múltiples voces una historia, un relato, una idea, una emoción.

Las afectaciones en la experiencia de escribir

Cuando tenemos una experiencia que realmente pasa por los sentidos, también acontecen diferentes afectaciones que tienen relación con la forma de relacionarnos con el mundo. Como dice Farina (2005), la afectación es una potencia que afecta la percepción del sujeto, altera las relaciones del sujeto consigo mismo, formas de vida, la propia existencia.

En la escritura de cartas manuscritas fue una experiencia inolvidable para los estudiantes y docentes que tuvimos la oportunidad de ser parte de este viaje, de esta travesía por la escritura, por el lenguaje, por las culturas y por los mundos de cada estudiante, sus historias, ideas, intereses. Podemos decir a partir de esta experiencia que fueron muchas las afectaciones en el proyecto, los horizontes se abrieron, se hicieron nuevas conexiones y vínculos con dos lenguas, dos culturas, dos escrituras y lecturas, asimismo, se tejieron, se fueron construyendo subjetividades.

Como docentes nosotros también fuimos afectados por el proyecto, la construcción del mismo fue muy importante, permitió que dos idiomas dialogaran, se encontraran y trabajaran en pro de un mismo objetivo, de un intercambio que cambió la mirada

sobre el mundo, sobre sí mismo, sobre el otro. Fue un viaje de ida y vuelta, en donde se compartieron historias, realidades, intereses, pensamientos, conocimientos, saberes y horizontes.

Consideraciones finales

Finalmente, queremos hacer la invitación para atreverse a escribir, no solo para una persona cercana o conocida, sino para una desconocida, mucho más para una persona que vive lejos, que habla otra lengua, que tienen otras formas de ver el mundo, de aprender, de hablar, vivir, aprender, sin duda, serán muchas las sorpresas que ello traerá para quien tome este riesgo, quien emprenda esta aventura. El trabajo conjunto entre los colegios fue una oportunidad única, inolvidable y maravillosa que dejó marcas, que generó cambios, afectaciones, quedó en la memoria de todos los que participamos de una u otra manera, fue un proyecto que cobró alas, abrió puertas y forjó caminos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Descrição de entrevista realizada por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang, 1988.

DELEUZE, G; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FARINA, C. **Arte, cuerpo y subjetividad. Estética de la formación y la pedagogía de las afecciones**. 2005. 408 f. Tesis (Doctorado en História de la Educación) Departament de Teoria i Història de l'Educació - Universitat de Barcelona, Barcelona, 2005. Recuperado de <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/2899/TESIS_CYNTHIA_FARINA.pdf?sequ> Acesso em: 07 nov. 2021.

IONTA, Mariza. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100007> Acesso em 19 jun. 2015.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2003, n. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.

_____. Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5 ed., 2. Reimp. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.